

Uma primavera bastará para mudar o futuro?

leitor.expresso.pt/semanario/semanario2636/html/primeiro-caderno/internacional/uma-primavera-bastara-para-mudar-o-futuro-

Disparos de artilharia ucraniana na frente de Donetsk, no final de abril FOTO Muhammed Enes Yildirim/Anadolu Agency via Getty Images

Não é segredo que vem aí a contraofensiva ucraniana. Esse é só um dos seus problemas

Ana França

No início da manhã de sábado, um depósito de petróleo em Sevastopol, na Crimeia, pegou fogo, espalhando o inferno ao longo de um quilómetro quadrado. Mikhail Razvozhayev, governador pró-russo da cidade, culpou um ataque de drones, orquestrado por forças especiais ucranianas. Começara a contraofensiva menos secreta da história recente. Ao confirmar aos jornalistas a autoria do ataque, a porta-voz das Forças Armadas da Ucrânia, Natalia Humeniuk, acrescentou, para dissolver dúvidas: “Foi uma preparação para a contraofensiva em grande escala de que toda a gente está à espera.”

Expresso.pt A investigadora Sandra Fernandes analisa com o jornalista Martim Silva, [neste episódio do podcast “Bloco de Leste”](#), o calendário, os meios e a estratégia da contraofensiva ucraniana contra o invasor russo

Terça e quarta-feira, piratas informáticos ucranianos atacaram os sites do Fundo Social da Rússia, que controla o sistema de pensões a nível nacional; da empresa que gere as ferrovias russas; e da plataforma de gestão financeira e logística dos municípios, confirma ao Expresso Diogo Carapinha, subcoordenador da VisionWare Threat Intelligence Center, que vigia grupos da dark web. “Os nossos ataques vão aumentar dia após dia até à vitória”, prometeu ao Expresso, no final de abril, Harv Xavier, hacker do grupo IT Army, que garante ter atacado mais de 600 entidades russas nos últimos 14 meses.

Pressão cada vez maior

Falta vermos nas redes sociais as fotos dos tanques Leopard a rolar nas planícies, em direção às posições russas. Os comandantes ucranianos garantem que é questão de tempo até darem uso ao muito equipamento que o Ocidente enviou. Cerca de 98% do que foi prometido está em solo ucraniano, assegurou o secretário-geral da NATO, Jens Stoltenberg, no início da semana.

A pressão sobre as tropas de Volodymyr Zelensky e sobre o próprio Presidente da Ucrânia é agora de dimensão muito diferente. Ele teme, porque sabe, que há mínimos a atingir na contraofensiva. Um falhanço pode ter várias formas e há o perigo de o apoio dos ocidentais, sem vitórias para brandir às suas opiniões públicas, começar a dissolver-se em promessas cada vez mais vagas.

Desta vez não haverá surpresas. A Ucrânia não vai encontrar um único militar russo impreparado, não haverá repetição das debandadas de unidades inteiras de soldados invasores, que até o próprio equipamento deixaram para trás, como na reconquista de Kherson e nas zonas em redor de Kharkiv e Kiev. “É óbvio que as expectativas são altas”, admite ao Expresso o major-general Arnaut Moreira, professor de Geopolítica e Geoestratégia na Universidade Nova de Lisboa.

Há o armamento que os países da NATO enviaram; o treino dos soldados ucranianos, que é “o melhor que é possível dar a qualquer força militar”; o investimento em ajuda humanitária. Mas é preciso “um certo realismo”, quer do lado ocidental quer do ucraniano. “A Ucrânia só pode planear de acordo com os recursos que tem, e o nível de ambição da Ucrânia corresponde ao que pensa poder obter com os meios que lhe foram concedidos. Nem o Ocidente pode esperar milagres nem a Ucrânia pode esperar recuperar todo o território perdido de uma única vez”, antevê.

A força ofensiva da Ucrânia consiste em pelo menos uma dúzia de brigadas, nove das quais já estão armadas com cerca de 200 tanques, 800 veículos blindados e 150 peças de artilharia de campanha. A Ucrânia recebeu já perto de 1500 carros blindados de combate e 230 tanques, números da NATO.

“Guerras leves, ligeiras e rápidas não existem”, alerta o major-general Arnaut Moreira, sugerindo persistência e paciência

Pulverizar uma força de 45 mil homens por toda a linha da frente seria uma fraca utilização dos soldados, concordam todos os analistas. “É preciso escolher um território que, uma vez de volta à Ucrânia, possa desequilibrar consideravelmente o posicionamento das forças russas. Podem não conseguir recuperar tudo, mas se recuperarem território fundamental para desarticular o dispositivo militar da Rússia, será muito importante”. Por onde avançar, então?

A 12 de abril, os serviços de informações britânicos avisaram que a Rússia terminara a construção de uma tripla linha defensiva, ao longo de 120 quilómetros, na frente de Zaporíjia, em antecipação a um ataque ucraniano a Melitopol, cidade ocupada pelos russos, a sul de Zaporíjia, cuja recuperação ajudaria a cortar a língua de terra que une a Rússia aos territórios ocupados no Donbas e na Crimeia.

Atingido este objetivo, o abastecimento à península e às forças russas que lá estão ficaria dependente da ponte de Kerch, que funciona a meio gás desde que forças especiais ucranianas rebentaram um dos seus tabuleiros. “Kerch é quando um ucraniano quiser”, ironiza Arnaut Moreira, que optaria por reconquistar parte do sul caso comandasse a contraofensiva.

Outra opção é entrar pelo norte (Kharkiv), seguir para Svatov, depois Kreminna, Soledar, e por fim cercar Bakhmut, a mais simbólica e sangrenta das batalhas. “A Ucrânia vai ter dificuldade em dizer que a contraofensiva foi bem-sucedida se não reconquistar cidades.

E não tem homens para os 2000 quilômetros de frente, é preciso fazer escolhas”, avisa o major-general João Vieira Borges, presidente da Comissão Portuguesa de História Militar e coordenador do Observatório de Segurança e Defesa da associação Sedes.

E depois da contraofensiva?

A Ucrânia vai defrontar uma espécie de “novo” inimigo, que teve tempo de se entrincheirar no território que ocupa. “Está tudo a ser vigiado, o dispositivo militar russo não tem nada que ver com o que estava destacado em Kharkiv ou Kherson. Há mais organização no terreno, é muito mais difícil conquistar uma enorme quantidade de terreno.” Mas as opiniões públicas são incapazes de se compadecer com o que não conhecem ou não entendem. “O que a maioria das pessoas vê é que estamos a dar dezenas de milhões de euros à Ucrânia, aparentemente sem contrapartidas. Chega armamento e nada. Há óbvia pressão para que desenvolvam um ataque nos próximos dias ou meses, e apresentem vitórias claras, como as de agosto, setembro e novembro”, avisa Vieira Borges. Esta pressão só ajuda o lado russo. Pode provocar um avanço abrupto ucraniano, sem estratégia, sem objetivos bem estudados, e sem o treino completo.

Daniel L. Davis, analista militar e coronel reformado do exército dos Estados Unidos, com mais de 20 anos de experiência de combate em diversos cenários de guerra, está muito pouco otimista. Acha que estamos a “preparar a Ucrânia para falhar”, tradução de uma frase em inglês usada quando se antevê um fiasco por influência de uma série de fatores que já eram conhecidos. “Estamos a pedir à Ucrânia uma coisa mesmo muito difícil: quase não tem poder aéreo, as defesas antiaéreas são limitadas, as munições necessárias para uma grande reconquista deste tipo também não são suficientes. Os ucranianos estão a pôr em risco o seu futuro, apostam tudo nesta contraofensiva e podem ficar numa situação extremamente vulnerável logo a seguir”, diz ao Expresso.

“Não vejo forma de a Ucrânia sair disto realmente vitoriosa. Mesmo que consigam recuperar território, têm uma oportunidade, só uma. E depois? Onde vão buscar homens e armamento para outras contraofensivas que serão necessárias para continuar a recuperar território? Achamos que o Ocidente vai simplesmente voltar a investir na mesma medida é uma ilusão”, alerta. Pode ser difícil antever tal constância no apoio do Ocidente, mas Arnaut Moreira avisa que “guerras leves, ligeiras e rápidas não existem”. Têm “todas o seu tempo próprio”, pelo que “quem se envolve nelas tem de ser persistente e paciente”.

Com Tiago Soares